

A Associação Industrial, principal causadora da crise económica, pretende intrujar o governo e prejudicar as classes trabalhadoras

A Associação Industrial é uma agremiação triplamente nociva por ser prejudicial ao Estado recusando-se até onde pode ao pagamento de impostos, aos operários negando-lhes o direito à existência que é o maior incitamento às greves e até à revolta, à vida industrial pelo seu ódio intenso ao progresso e pelo seu inveterado amor à rotina.

Cumulativamente, combate a existência do Estado, afasta o país da civilização e reduz o operário à mais inferior e à mais grosseira das máquinas. Esta associação, que tem sido uma das causas principais do estado em que o país se encontra, sugeriu ao governo e ao funcionário superior do distrito a ideia peregrina de intensificar a produção, forçando, para isso, o operário a trabalhar 10 e 12 em vez das 8 horas que actualmente, nalgumas classes, usufrue.

As 8 horas de trabalho estão reconhecidas até pelos organismos burgueses internacionais, surgidos do *après-la-guerre*, isto é, no período em que a ganância das classes capitalistas tinha atingido o auge. Essa circunstância demonstra que a resolução tomada pelo capitalismo internacional, na época dos maiores desvalimentos económicos, em conferências internacionais onde se encontravam os representantes mais categorizados e competentes das classes patronais, não obedeceu a qualquer humanitarismo social, mas sim à aceitação de aquilo que o progresso industrial vem desde os inícios do século XIX considerando e aconselhando como inevitável.

A intensificação da produção só poderia fazer-se pelo operário se a indústria fosse manual e se a máquina humana pudesse desobedecer às leis psicológicas e fisiológicas que a determinam e são, por assim dizer, as condições básicas que tornam possível a sua existência. Mas, a indústria moderna vive dependente dos maquinismos e estes não podem envelhecer sob pena de matarem as indústrias, que só existem quando acompanham o renovar constante e acelerado dos processos fabris.

Uma boa produção exige boas máquinas e bons produtores e uma grande competência técnica a orientá-la. A indústria portuguesa é essencialmente antiquada: a sua produção é forçosamente realizada por contingentes de mão de obra que torna o produto caríssimo e portanto de difícil colocação no mercado. Isto no que respeita aos maquinismos. Quanto aos produtores, para que sejam bons require-se a existência neles dum físico que resista à fadiga e isso só é possível com higiene e boa alimentação.

Para que o organismo do produtor resista à fadiga é necessário que o esforço que ele realize não exceda a sua capacidade física e que esteja bem alimentado. A Associação Industrial sabe perfeitamente que o produtor está depauperado e esmoado—e pretende que ele seja ainda de mais rápida tuberculização. Como quer ele intensificar a produção recusando-se a introduzir o século XX nas suas fábricas e oficinas e reclamando o debilitamento ou, melhor ainda, a prematura supressão do produtor?

Na última inspecção militar verificou-se que a maioria, a esmagadora maioria dos recenseados não tinha a robustez física necessária para ser incorporada no exército. E essa maioria, essa esmagadora maioria é composta de operários. A quem atribuir este definhamento que reduz notavelmente a duração da vida humana e que transforma homens em espectros de homens? Aos componentes da Associação Industrial por estas especiosas razões que passamos a referir:

1.º A sua incompetência e a sua sordidez que se negam a reconhecer que as indústrias só vivem desde que todos os países acompanhem a evolução dos processos fabris;

2.º A sua ganância que, conjugada às razões acima enumeradas, reduz o produtor à situação de não poder ser um consumidor;

3.º A sua imoral concepção industrial que conduziu o país a um recuo na civilização que é a explicação cabal de todas as agitações e de todas as decadências que actualmente se constata.

A intensificação de produção só é possível desde que a indústria deixe de ser o que é: uma ficção protegida pelas pautas alfandegárias; ficção que um simples decreto poderia destruir em vinte e quatro horas. Ora a isso não estão dispostos os industriais por razões que a Associação Industrial e o paiz inteiro muito bem conhecem.

O que se impõe implantar em Portugal é a indústria moderna—visto que dela até hoje só um simples arremedo existe. E antes que isso se faça, torna-se necessário garantir o trabalho a dezenas de milhares de operários que estão condenados à inação. Quem não produz não consome—e não é com o aumento de horas de trabalho que se alarga o consumo visto que ele iria aumentar o número dos desocupados. A não ser que a Associação Industrial projecte a ideia macabra de ir vender aos mortos os produtos que os vivos estão impossibilitados de adquirir.

Francamente: a Associação Industrial está a troçar do governo supondo-o parvo a ponto de que ele acredite que a intensificação da produção se pode fazer com uma medida que iria inevitavelmente aumentar o número dos que não tem trabalho.

A atitude das tropas atantonadas em Sacavém

Recebemos da comissão de censura uma nota que nos limitamos a publicar, ainda que isso nos não tivesse sido imposto:

«O comandante e oficiais de destacamento n.º 1, estabelecido em Sacavém, reunidos hoje, 27 de Junho, pelas três horas, para apreciar a situação que lhes está sendo criada por uma campanha que na sombra vem sendo urdida e cujos efeitos começam a sentir-se; constatando que lhes é atribuída uma acção política directa que afecta não só a acção do governo como até a realização do programa revolucionário; e, verificando que essa campanha só pode aproveitar os inimigos da actual situação que por todos os meios procuram lançar a desarmónia, a insidia e desconfiança no seio do exército, para esclarecer a situação e marcar a sua atitude (que é notória pelo que julgam ser o seu, dever militar) declaram:

1.º Que nenhuma interferência tiveram em quaisquer actos políticos, salvo a que teve por fim exonerar de presidente do ministério o sr. Cabegas não lhes cabendo, porém, a iniciativa desse gesto, limitando-se apenas a executar e obedecer às ordens do ex.º general Gomes da Costa que para esse fim veio consultar, não só este destacamento, como os da Ameloira e Queluz, sendo este o primeiro a que sua ex.ª se dirigiu.

2.º Que nenhuma resolução foi tomada por este destacamento sem ser de pleno acordo com as restantes forças de Queluz e Ameloira;

3.º Que este destacamento nenhuma sugestão fez, nem sequer emitiu opinião sobre as nomeações e exonerações que têm sido feitas como, por exemplo, a exonera-

ção do coronel Schiappa, tenente-coronel Ferreira do Amaral, e sua substituição pelo coronel Valadas e capitão Franco, respectivamente da G. N. R. e policia;

4.º Que é inteiramente falso que este destacamento pense em fazer qualquer golpe de estado ou levar a efeito qualquer golpe de estado ou modificar o actual estado de cousas.

5.º Que o destacamento foi completamente estranho à vinda do general Gomes da Costa a Sacavém, no dia 24 do corrente, às 9 horas, ao contrário do que a imprensa informou, a que atribuiu até aquele ex.º sr. a frase, obrigaram-me a ir a Sacavém.

6.º São absolutamente falsos todos os boatos que têm sido forjados sobre a marcha e contra marcha deste destacamento. Finalmente, para que não fiquem dúbidas a respeito das suas intenções e da isenção com que todas as tropas que constituem este destacamento têm cooperado neste movimento, sem fins reservados e tendo apenas por objectivo a dignificação da pátria e da República, pelo saneamento e moralização da administração e para que de futuro nenhuma responsabilidade possa ser atribuída nas medidas que venham a ser adoptadas e que só ao governo competem, lembramos a sua ex.ª o general a conveniência de ser dissolvido este destacamento após o juramento de bandeira de amanhã ou substituído por outro, caso a presença de forças nesta localidade Sacavém seja julgada necessária.

Sacavém, 26-6-926. — O comandante do destacamento n.º 1. — (a) Fernando Luís Mousinho de Albuquerque, coronel.

Nota: É perfeitamente exacto quanto nesta exposição se diz, e eu reitero a minha confiança ao comandante deste destacamento, bem como no dos destacamentos n.º 2 e 3 e demais corpos do exército. — Lisboa, 26-6-926. — (a) Gomes da Costa, general.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

As ambições e os crimes do general Petlioura, morto a tiro por um israelita

Uma correspondência atrasada de Paris relata-nos como se deu o atentado contra o general Petlioura, um antigo ditador da Ucrânia que no país deixou fama de carrasco. O executor foi um israelita, que afirmou vingar assim a morte de milhares de judeus trucidados à ordem do ditador. Petlioura saía de um restaurante quando o judeu Samuel Schwartzbar, nascido na Ucrânia, se acercou dele e, depois de pronunciar algumas palavras, disparou cinco tiros. Ao mesmo tempo, o executor exclamava, como alucinado: «Mata-me, agora, canalha!»

O ex-ditador foi mortalmente atingido na garganta e no baixo ventre; caiu, como uma massa inerte, sobre a beira do passeio. O executor deixou-se prender sem resistência, entregando a arma sem esperar intimidação. A sua cólera, contudo, era irreprimível, gritando várias vezes: «Vinguei os cem mil judeus que o canalha fez massacrar!»

Como se sugeriu e executou o atentado

Samuel Schwartzbar reside há longo tempo em Paris, estando estabelecido com rejeição. Durante a guerra alistou-se com seus dois irmãos no exército francês. Foi ferido e condecorado com a cruz de guerra.

Numa missão militar francesa, enviada em 1917 a Petrogrado (hoje Leningrado) e Odessa, Samuel tomou parte. Então, pela primeira vez, ouviu referências acerca de Petlioura, ao tempo ministro da Guerra da Ucrânia. Com horror e revolta, Samuel escutou as descrições dos massacres de judeus ordenados e dirigidos por Petlioura; e nunca mais deixou de pensar numa repulsa justiceira. Nunca mais deixou de seguir, passo a passo, embora por meio de informações dos jornais, das agências e dos seus amigos, todos os actos do senhor da Ucrânia. Soube-o na Polónia ao lado de Pilsudski. Soube-o mais tarde na Checoslováquia. Finalmente, em maio de 1926, soube que Petlioura estava em Paris, dirigindo um jornal, escrito em língua russa, denominado *Tridente*, onde prosseguia na sua odiosa campanha anti-semita, que era ainda reforçada em sessões públicas.

Samuel não conhecia este inimigo da sua raça. Nunca o tinha visto. Recordou o seu retrato dum publicação periódica e foi-se a percorrer Paris em todas as direcções, perguntando onde podia pelo «assassino dos judeus».

Encontrou-o uma vez, mas como ia acompanhado da esposa e dum filho hestiu. Adiou o seu intento, até que, apanhando-o à saída dum restaurante, muito freqüentado por russos, disparou sobre ele o seu revólver.

A personalidade de Petlioura

Petlioura teve uma carreira vertiginosa, mas efêmera. Foi humilde empregado numa administração local, mas tinha largas ambi-

ções, cuja realização a sua inteligência e a sua astúcia vinham favorecendo.

No decurso da guerra filiou-se no Partido Social-democrata da Ucrânia. Ao estar a revolução russa, Petlioura colaborou, com camaradas seus, na organização, em Kieff, de legiões nacionais ucranianas.

Derrubado o império czarista, a *Rada* proclamou a independência da Ucrânia. O sr. Vinnitchenko, chefe do Partido Social-democrata ucraniano, escritor muito notável, formou um governo de que participou Petlioura na pasta da guerra.

Depois da paz de Brest-Litovsk, as autoridades alemãs dissolveram a *Rada* e nomearam um *hetmann*, que restabeleceu no país um regime de carácter monárquico.

Petlioura organizou sociedades secretas, a fim de sublevar os camponeses. No momento do armistício marchava ele à frente dum exército de camponeses sobre Kieff. O *hetmann* alemão puzera-se em fuga. Petlioura formou então um directório, fazendo-se seu presidente. Sonhava uma grande Ucrânia, que atemorizasse a Rússia na Ásia e enviasse rotas à Conferência da Paz.

Porém, a guerra recomençou logo: contra os bolchevistas, por um lado; contra os «brancos» de Denikine, por outro. Kieff foi tomada e retomada várias vezes. O exército de Petlioura, formado de camponeses sem ideal, rapinava e cometia horrores, envenenando-se contra os judeus. Cidades inteiras foram saqueadas. Ao mesmo tempo os inimigos de Petlioura cometiam excessos e horrores semelhantes. A Ucrânia sangrava.

Batido pelos bolchevistas, o exército de Petlioura, desordenadamente, transpõe as fronteiras da Polónia.

Em Kamenetz forma Petlioura o seu *quartel general*, rodeando-se dum camarilha de aventureiros ucranianos e internacionais, jesuitas, nacionalistas e gente suspeita, fazendo leis, enviando missões diplomáticas e autorizando aos seus oficiais uniformes de opereta.

Depois de prometer ao Papa que converteria a Ucrânia à religião católica, Petlioura, que também era judeu, cai no espirito e procura conhecer nas mesas de pé-de-galo o seu destino.

Entretanto, transferia-se para a Galícia com os restos do seu exército e do seu governo, ficando sob a protecção do governo polaco.

Em 1921, colocando-se ao lado da Polónia contra a Rússia, chegou a estar senhor de Kieff, pensando novamente realizar o seu sonho político. Mas o exército polaco retirou-se da Ucrânia e, após a derrota dos russos às portas de Varsóvia, Pilsudski fez a paz.

As tropas de Petlioura foram dissolvidas e o governo polaco rompeu com o chefe. Nos meios ucranianos, Petlioura perdura toda a sua autoridade, desaparecendo de vez da cena política, até que as balas do judeu Samuel cortaram irremediavelmente as ambições do político criminoso e bandoleiro.

NOTAS & COMENTARIOS

Também já aderiu?

No passado domingo, como tivemos ocasião de notar, realizou-se no Porto Brandão a cerimónia do lançamento de uma nova lancha pertencente à Cooperativa dos Catraieiros do Porto de Lisboa. Para assistir ao acto dirigiram-se para o Porto Brandão bastantes operários que ao princípio da noite regressaram a Lisboa. Porém no regresso, numa das lanchas da cooperativa, seguiam os camaradas Alberto Monteiro, António Monteiro, António Dias e Jorge da Costa. Na mesma lancha vinha também o conhecido monárquico Duarte Costa que, a determinada altura, invocando a sua qualidade de operário sindical, começou discutindo com aqueles operários. A discussão principiava a animar-se, eis quando mestre José de Almeida, gerente da cooperativa, proibiu aos circunstantes que discutissem. Como o «ukase» fosse mal recebido, mestre J. de Almeida, os passageiros de expulsão imediata. Isto trocado em meados que apenas dizer: «Vou vocês se calam ou vão todos para o rio». A ameaça não foi por diante, mas aqueles quatro operários, por determinação do «tio» Almeida, tiveram que desembarcar em Alcântara. O mais engraçado de tudo isto é que o monárquico Duarte Costa seguiu na lancha rio abaixo, quando ele foi igualmente responsável na discussão. Um dos expulsos pelo patrão J. de Almeida nesta redacção, ontem à noite, lavrando o seu protesto que ali fica exarado, sugerindo-nos, depois do que fica dito, um único comentário: o tio Almeida, corrido o seu compadre Bernardino Machado, teria aderido à nova situação política?

Um exemplo a seguir

De Mossamedes, África Ocidental, escreve-nos o camarada Henrique Beneditino fazendo acompanhar a sua agradável missiva da importância de 10600 que destina para as munções de A Batalha. Atravessando a pequena imprensa, e nomeadamente a Batalha uma existência difícil para manter aquela linha de impecável honestidade que nos impuzemos desde o início da publicação desta folha, o gesto do camarada Beneditino deveria ser seguido por todos aqueles que fazem a justiça de considerarem A Batalha a mais impoluta das gazetas portuguesas.

Agradecimento

Do sr. Alexandre Ferreira, vereador da camara ultimamente dissolvida, recebemos uma carta agradecendo-nos o auxílio dispensado aos trabalhos que ele realizou em benefício das crianças pobres.

A estabilização do franco

PARIS, 28. — O problema da estabilização do franco ocupa os comentários de todos os jornais. A volta ao padrão ouro parece encontrar dificuldades imediatas para a sua realização patriótica. Por outro lado a questão das dividas inter-aldeias constitui objecto de preocupações para o novo Ministério das Finanças. O Parlamento será chamado dentro de pouco tempo, a pronunciar-se sobre o assunto. — (H.)

Violentos abalos sísmicos

SINGAPURA, 28. — Sentiram-se esta manhã, às 10 horas e 23 minutos, dois fortes abalos sísmicos, que duraram vinte segundos.

Comunicações de vários pontos do Medierrâneo, de Port-Said, Rhodes e Cairo, dizem igualmente terem sido sentidos nestes pontos abalos de terra. Em algumas aldeias de Rhodes desabaram numerosas casas, tendo ruído também o farol, e sofrendo bastantes prejuizos o Museu Candia. — (H.)

A opinião monárquica e os seus fatídicos aplausos estão causando uma grande inquietação colectiva

Este movimento só logrou conquistar o apoio insolente dos monárquicos—e sabe-se bem quanto este apoio é prejudicial e fatal. Na situação Pimenta de Castro—deu a prisão e a deposição deste político sem talento e sem manchas morais e deu a revolução de 14 de Maio que foi, de todas as sarrafuscas de grandes proporções, a mais antipática e sangrenta e vingativa. Na de Sidónio Pais deu o encarceramento e o espancamento de milhares de pessoas, deu a morte de Sidónio Pais—e a revolta de Monção, feita por todos os culpados do atentado da estação do-Rossio, e a Monarquia do Norte, opereta caríssima e mal ensaiada com o contraste odioso dos crimes dos «trauliteiros». Nesta situação dá o retraimento da opinião pública—retraimento tão grande que o juramento de bandeiras dos galuchos que tem emocionado a cidade pelo seu prolongado bivaque nas povoações dos arredores, feito a um domingo, teve segundo o *Século* uma assistência diminuta, insignificante, a ponto do serviço de policia destinado a conter a multidão ter-se tornado inútil por não existir multidão!

Como estamos tão longe das massas compactas de curiosos da parada da Avenida da República—e contudo ela ainda está tão perto do dia de hoje!

A opinião monárquica é reduzida—e teme a luz do sol. Só aparece, só brilha, quando estiverem na cadeia quase todos os republicanos—e nós não queremos acreditar que a sugestão monárquica possa desta vez ir tão longe. O juramento de bandeiras prova a impopularidade que os monárquicos—autores responsáveis de todas as grandes crises violentas deste regime—estão acarretando à situação. E essa opinião com alma de carrasco desaparece, foge por encanto, quando a cólera que ela desencadeou cae sobre aqueles que acreditaram nos seus perversos e sanguinários incitamentos.

Declarações do sr. Filomeno da Câmara

Os boatos enchiam três colunas—mas não deixamos os boatos em paz, aguardando que eles se confirmem ou se desmintam a si mesmos. A situação não dá notícia hoje. Quando muito dá estas declarações do sr. Filomeno da Câmara que é como todo o país de cabo a rabo sabe, ministro das finanças—que com a devida venia transcrevemos do «Diário de Lisboa», fazendo salientar o seu ar de charada e de enigma de palavras cruzadas:

—Mas pensa em aumentar a circulação fiduciária?

—O que eu penso é dar aos Bancos os elementos para poderem fomentar o levantamento do Comércio, da Indústria e da Agricultura.

—Aumentando a circulação?

—Se chamam a aumentar a circulação, a lançar no mercado um milhão de libras com o correspondente em notas...

E, ainda sobre o dinheiro em giro, o illustre homem público acrescenta esta importante informação:

—Vou também lançar no mercado as notas correspondentes às que foram retiradas da circulação por motivo do caso do Angola e Metropole. Temos como garantia os bens arrolados... Não se trata, como vê, de aumento da circulação...

—E todo esse dinheiro?

—Terá apenas o destino que indiquei: o dar aos Bancos os meios indispensáveis para cumprir eficazmente a sua missão de utilidade.

A utilidade da missão dos bancos quando não consiste em deixar os depositantes reduzidos ao desespero, define-se sempre por não pagar ao Estado o que este empresta. Dir-se-ia que os bancos entendem que o verbo emprestar no que se refere ao dinheiro do Estado, tem uma significação muito diferente daquela que os dicionários lhe atribuem.

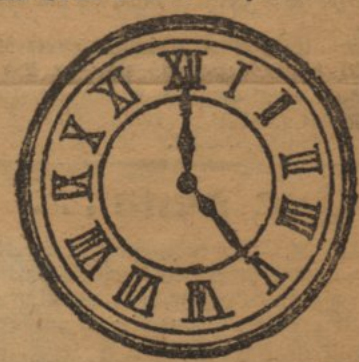
Ainda e sempre a sindicância dos T. M. E.

O contra-almirante sr. Macedo e Couto, requerer novamente insistindo pela publicação dos seus relatórios sobre os Transportes Marítimos arquivados no gabinete do ministério da Marinha, visto os seus pedidos anteriores terem tido por despacho que se aguardasse melhor oportunidade.

No mesmo requerimento pede também o sr. Macedo e Couto, para que se dê publicidade ao resultado da grande comissão de sindicância aos Transportes Marítimos do Estado, existente no gabinete do ministério do Comércio.

Os juros da dívida pública

O *Diário* publicou ontem um decreto mandando pagar os juros da dívida pública e as amortizações correspondentes aos empréstimos de 6,5 por cento, ouro (1923), 3 por cento (1922) e 4,5 por cento (1921) ao câmbio oficial de Lisboa sobre Londres. Fica, portanto, anulada a determinação



Eros dos acontecimentos

Congresso das profissões liberais

A comissão organizadora do Congresso das profissões liberais, ontem reunida, no salão S. Luís, deliberou denominar-se «Comitê de Defesa da Arte Nacional» e convidar a fazerem-se representar no referido «comitê» todas as especialidades que tenham a etimologia das palavras Belas Artes. Publicará um boletim, que será o seu órgão, e promoverá uma série de conferências públicas, em local que oportunamente será anunciado.

O «Comitê» procurará convencer a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa a aceitar a colaboração de artistas nacionais, delegados do referido «comitê», no plano de embelezamento da cidade. Propõe-lhe, também, a criação de uma comissão de estética, que funcionará gratuitamente e que terá por fim ampliar os trabalhos da actual Câmara Municipal.

Foi aprovado que o «Comitê» vá junto do governo pedir que se faça um acórdão artístico entre Portugal, Espanha, França, Itália e Alemanha, o qual se baseará na criação de uma residência de estudantes de Lisboa, onde serão recebidos os artistas estrangeiros tantos quantos os portugueses que forem recebidos nas residências daqueles países, ficando assim resolvida a questão de pensões e bolsas de estudo, com grande vantagem para o nosso país. As bases para este acórdão estão já estudadas, pormenorizadamente, pelo pintor sr. Guilherme Filipe.

Foi ainda aprovada uma proposta para que se peça ao governo o afastamento do actual administrador do Instituto de Santo António dos Portugueses, em Roma, o qual, segundo entende o «comitê», não oferece garantia alguma para a Arte Nacional.

O que ofereceria garantias, seria a nomeação, de três em três anos, de um «artista nacional».

O «comitê» vai, na próxima sexta-feira, pelas 10 horas, expor as suas razões ao presidente do Ministério e reunirá todas as segundas quartas e sextas-feiras, às 18 horas, no teatro S. Luís.

Que pena...

ROMA, 28. — Em consequência da falta de fructificação do Banco Agrícola Parmense, foram detidos os comandadores Lusign, Geossali e Biagi, o conselheiro em Genova e mais 26 pessoas. — (L)

Marceneiro

Oferese-se para Lisboa ou fora. E. da Penha de França, 212, portão.

O congresso nacional do Partido Socialista

Realiza-se em 3, 4 e 5 de Julho o congresso nacional do Partido Socialista.

Adoptando-se neste Congresso pela primeira vez, entre nós, a representação proporcional, verifica-se que os cem delegados já inscritos de Lisboa e da Província representam cerca de 7.000 filiados coleccionistas.

As Companhias do Caminho de Ferro, fizeram tanto o abatimento de 50 %.

Folgedos populares

A marcha infantil «Os Reinos», da rua de Campo de Ourique, veio esta madrugada apresentar-nos as suas felicitações, numa luminosa marcha bem organizada e de grande aparato.

A troupe de bandolistas J. Soares teve a gentileza de nos vir cumprimentar de madrugada numa luzida marcha «aux flambeaux». Agradecemos.

TEATRO AVENIDA
Telef. 11.4356
A SENSACIONAL PEÇA
O Dr. da Mula Ruça
Hoje, às 21.30
12 números de música 12
Orquestra Jazz-Band

Uma festa em S. Carlos de auxílio aos hospitais

É o seguinte o programa do sarau em São Carlos, em benefício da Liga dos Amigos dos Hospitais:

1.ª parte, palestra pelo dr. sr. José Pontes; versos por D. Oliveira Guerra; «Triste é o leste», por D. Berta Araújo Sena; «Celebri Romanza», por D. Cristina Nobre; «Les berceuses», por D. Berta Araújo Sena; «Trigueira», por D. Cristina Nobre; 2.ª parte, Noturno de Chopin, solo de piano: Botelho Leitão; Noturno de Chopin, solo de violoncelo pelo professor João Passos; Ronde des lutins, solo de violino pelo professor Luís Barbosa; Gouttes de rosée e Valse de Haselmann, solo de harpa por D. Cecília Borja; 3.ª parte, Ouverture des vespres siciliennes; Marcha Triunfal de Artur pelas bandas reunidas da Guarda Nacional Republicana e Brigada do Corpo de Marinheiros sob a regência do maestro Artur Fão.

Um decreto anterior que mandava pagar os juros e amortizações dos respectivos títulos ao câmbio fixo de 2/3 de Lisboa sobre Londres, em virtude da instabilidade que hoje se não verifica.



Vai ser aberto, a favor do ministério da Marinha, um crédito de 3.100 contos, para ocorrer às despesas daquele ministério, até ao fim do corrente mês.

O Núcleo de Juventude Sindicalista do Barreiro acaba de editar um vibrante manifesto sobre a actual situação política, no qual se exorta a mocidade sindicalista a estar alerta no caso dos reacçãoários pretenderem lançar o país numa guerra civil.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Decorreu muito animada a festa do 15.º aniversário da Associação do Pessoal dos Hospitais

A Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses festejou no passado domingo o 15.º aniversário da sua fundação.

Foi uma modesta festa, plena de entusiasmo, e na qual os humildes trabalhadores dos hospitais civis tiveram ensejo de confraternizar durante algumas horas.

Como anunciámos, a referida festa consistiu de uma sessão solene que teve início às 22 horas.

Muito antes dessa hora já na sede daquele organismo sindical se encontravam bastantes funcionários hospitalares, dos mais humildes até de mais elevada categoria.

O director dos hospitais, sr. dr. João Pais de Vasconcelos chegou à sede da Associação às 21,30 horas. Aguardavam a sua chegada alguns membros da Associação que o acompanharam a sala de sessões.

Ali, pouco depois das 22 horas, o nosso camarada Martins Rego, presidente da assembleia geral da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis, declarou aberta a sessão, convidando para assumir a presidência o dr. João Pais de Vasconcelos, que foi recebido com uma quente salva de palmas.

Por sua vez o dr. João Pais de Vasconcelos convidou a assumirem os cargos de secretários os camaradas Martins do Rego e Abel da Cruz.

Procedeu-se em seguida à leitura do expediente que constava de uma carta do doente Raúl Caropos internado na enfermaria de São Francisco do hospital de São José, saudando a associação em festa; de uma missiva de Delfina Teles Duarte saudando igualmente o pessoal hospitalar, e telegramas da Associação dos Enfermeiros do Norte e de Adriano Maia felicitando a Associação do Pessoal dos Hospitais pela passagem do seu aniversário.

Em seguida iniciaram-se os discursos. O primeiro orador foi Abel da Cruz que saudou o dr. João Pais de Vasconcelos, congratulando-se com o facto da festa do 15.º aniversário da associação do pessoal hospitalar decorrer sob a presidência do director geral dos hospitais civis.

Em seguida passou em revista os trabalhos da associação e ao valioso auxílio que a esses trabalhos tem dispensado o dr. João Pais. Algumas frases do seu discurso:

— Tem sido o dr. João Pais de Vasconcelos o director geral a quem maior cuidado tem merecido a sorte do pessoal. Se mais não tem feito é porque isso lhe tem sido materialmente impossível.

— Quando tomou posse do cargo de director geral, o dr. João Pais de Vasconcelos, prosseguiu Abel da Cruz, perguntou-me quais eram as reclamações da classe e eu informei-o. Entre essas reclamações eu distinguia a Caixa de Previdência do Pessoal dos Hospitais. Pois o dr. João Pais de Vasconcelos não descansou enquanto não criou essa instituição. Devido a esse cuidado, o pessoal hospitalar possui hoje uma Caixa de Previdência modelar para a qual, e ainda devido ao actual director geral dos hospitais, vão 20 000 das receitas das visitas gerais.

Abel da Cruz informou depois que o dr. João Pais de Vasconcelos também se tem interessado para que seja reconhecida como doença profissional a tuberculose tendo igualmente estabelecido uma pensão para as viúvas dos empregados hospitalares.

O orador, depois traçar o elogio da obra do dr. João Pais de Vasconcelos, manifesta a sua profunda gratidão ao director geral pelos relevantes serviços prestados à classe hospitalar, encerrando as suas considerações com um apelo ao dr. João Pais para que prossiga na sua sacrosanta missão. Apoiados calorosos.

Tomou em seguida uso da palavra o nosso presado camarada José da Silva Santos Arranha, director de A Batalha, que em nome do nosso jornal entregou ao pessoal hospitalar as saudações do proletariado organizado.

Referiu-se depois, com larga argumentação, à função cometida à associação de classe, fazendo sentir que os esforços dos militantes duma classe são sempre mal compreendidos por aqueles que não produzindo se entregam à ingrata missão de detractores.

O nosso director referiu-se ainda às manifestações de que tem sido alvo nesta sessão o dr. sr. João Pais de Vasconcelos considerando-as justas, pois o actual director geral tem sabido anular as dores materiais do pessoal e para elas tem ordenado uma conveniente profilaxia.

Quando um alto funcionário sabe ser justo para com os seus subordinados, os aplausos não traduzem subserviência, mas significam apenas um grande acto de gratidão.

Ainda aqui o dr. João Pais de Vasconcelos, prosseguiu Santos Arranha tem ainda um outro significado: provar que o actual director geral é um homem da nossa época, um homem que reconhece que as classes organizadas desenvolvem entre si aquela disciplina tão conveniente ao bom desempenho de uma função.

Depois, o dr. João Pais ainda provou com o acto de hoje que se considera como os que estão em festa um funcionário hospitalar, embora hierarquicamente superior.

O orador, a seguir, respondendo às manifestações de aplausos A Batalha disse que o nosso jornal colocando-se na defesa dos interesses duma classe cumpre apenas um dever que não é merecedor de encomios.

O nosso director termina o seu discurso saudando o dr. João Pais de Vasconcelos e felicitando a classe hospitalar pela passagem do aniversário da sua associação.

Fortes aplausos coroaram as últimas palavras do orador.

Falou depois o representante da Delegação de Coimbra da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Zeferino Soares que, num curto mas bem equilibrado discurso, saudou o dr. João Pais de Vasconcelos e a classe em festa fazendo ardorosos votos para que a associação prossiga na sua obra.

Terminado o seu discurso, Martins do Rego informou a assembleia de que o dr. João Pais tem retirado obrigado por afazeres profissionais.

Antes de o fazer o dr. João Pais de Vasconcelos agradece as atenções dispensadas pela assembleia, declarando que o pessoal nada lhe deve visto ele como director geral ter cumprido com o dever.

A sessão foi suspensa durante alguns minutos e o dr. João Pais foi acompanhado até à porta pelos membros da mesa.

Após a retirada do dr. João Pais de Vasconcelos manifestou ao nosso presado camarada José da Silva Santos Arranha o seu reconhecimento pela assistência a esta festa do director de A Batalha.

Reaberta a sessão sob a presidência do camarada Zeferino Soares falou António da Silva que saudou na pessoa do representante de A Batalha o seu corpo redactorial

Eshôco biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Na Sibéria: A fuga

Adaptou-se extraordinariamente às condições siberianas, interessando-se por elas e observando com interesse, especialmente a expansão russa na Sibéria oriental, desde o Amur até ao mar. Previu logo a independência siberiana e apoiou os germes de tais ideias nos jovens, como Pétain, o viajante que em 1865 foi realmente perseguido no processo de Omsk por causa das aspirações separatistas. Conheceu muitos detestados políticos, aos quais tentou fazer reconhecer a necessidade da reconciliação dos povos da Rússia e da Polónia.

Dando lições de francês em casa da família polaca «Wiatkowski», conheceu a filha destes, Antónia, que em 1858 se fez sua mulher. Não lhe faltaram também recordações dos decabristas e de Petroschewsky (de este último por Emmanuel Toli), ainda que mais tarde entre ele e Petroschewsky se produziu uma completa opposição.

O governador geral da Sibéria oriental, Muraviev-Amurski, a quem e em especial seu pai conheceu muito bem em 1833, parente de sua mãe, visitou-o. Sen desejava ser transferido para a Sibéria oriental, o que lhe foi finalmente permitido; e em Março de 1859 chegou a Irkutsk.

No decurso de 1859 viajou para uma companhia comercial, através do amplo Oeste; porém, todas essas ocupações eram apenas temporárias, pois esperava, ou a amnistia competia por meio de Muraviev e a volta à Rússia, ou a fuga, de todo não impossível.

Encontrou em Muraviev um homem violento por detrás do seu excessivo burocratismo, ao qual reünia o nacionalismo e o ódio aos alemães, de maneira que passou por alto o seu passado sombrio. A sua correspondência redactada em 1860 com Herzen, cujo Kulokol estava então no zenit da sua influência, contém ditirambos sobre Muraviev, que definem as psicose nacionalistas gerada pelo ambiente ex-pensionista e predominante do dominador e explorador da Sibéria e não da vítima.

Por fim Muraviev abandonou a Sibéria sem que nada de decisivo houvesse podido fazer por Bakne, o ucraniano libanês de qualquer espécie de consideração, motivo que o levou talvez a não tentar a fuga na presença do seu parente.

Deixou Irkutsk a 5-17 de Junho de 1861, desceu o Amur, conseguiu penetrar num barco americano, o que significava uma acção decisiva e dirigiu-se depois por vários portos japoneses a São Francisco, Panamá, New-York e Londres, onde chegou a 27 de dezembro a casa de Herzen e de Ogaref, sendo fraternalmente recebido. Em Wokohama havia encontrado um combatente de Dresden, na América encontrara numerosos lutadores de 1848, de São Francisco anunciou a Herzen a continuação das suas aspirações de 1843 da federação eslava, numa palavra, pôs-se desde logo em completa vitalidade a prosseguir a sua actividade interrompida em 1849, no sentido da revolução camponesa russa, da guerra nacional eslava e das aspirações federais.

Itália, 1859, com Garibaldi pareceram indicar-lhe o caminho. O fluxo terminaria, o refluxo começava de novo, o gelo desfazia-se, supunha ver isto através de muitos sinos e estava disposto a, como em 1848, detetar máis à obra. Seu socialismo dormitava profundamente sob a psicose nacionalista.

TIVOLI
TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS
A CHAMA
Adaptação em três partes da peça de Charles Méré com Germaine Rouer
PESADELOS E SUPERSTIÇÕES
Cine comédia em seis partes com Douglas Fairbanks
Um documentário — Uma cine revista — (Jantamento de Bandeira na Escola de Guerra)

e bordou várias considerações sobre o futuro da classe. Terminou o seu discurso felicitando os seus representantes a Delegação de Coimbra.

Pereira Bento, em nome da Associação dos Enfermeiros e Enfermeiras da Região do Sul, ocupou-se das afirmações feitas pelo dr. Francisco Gentil num almoço efectuado num club, afirmações que beliscam a dignidade das enfermeiras.

Lamenta o orador que uma pessoa ilustre como é o dr. Gentil tivesse recorrido a um club para lançar sobre os humildes trabalhadores dos hospitais frases que, além de injustas, pecam pela falta de correcção.

Levantada essa afronta à classe de enfermagem, Pereira Bento, num estilo elegante, explica o papel que está confiado ao pessoal dos hospitais para conseguir a sua dignificação. Foi muito aplaudido.

José Pitta, da delegação de Coimbra, leu um pequeno discurso, pleno de sentimento e de emoção.

Pela Associação dos Empregados de Farmácia falou Francisco Cordeiro que saudou o pessoal dos hospitais civis e o nosso jornal.

Num rápido improviso o orador pôr em equação o papel dos empregados de farmácia e do pessoal hospitalar.

Seguiu-se Manuel Gamboa, que leu um discurso, de urdira razoável, onde se evoca a figura de Francisco Teles Duarte, um dos principais elementos da classe.

O orador ao terminar saudou A Batalha e a Delegação de Coimbra.

Martins do Rego, presidente da assembleia geral da Associação saudou o director de A Batalha e o nosso camarada de redacção autor da campanha em favor do pessoal hospitalar pelos relevantes serviços prestados à classe, agradecendo, também, aos assistentes a sua comparença à sessão.

Em seguida numa quente exortação aconselhou os presentes a procurarem que os que ainda não estão dentro da associação ali ingressem para bem da unificação da classe.

Falou por último o nosso director que agradeceu as longas palavras dirigidas A Batalha, lendo as suas columnas à disposição da classe hospitalar para tudo que esteja dentro da indole do jornal.

O presidente encorreu em seguida a sessão, ouvindo-se frenéticos vivas à classe hospitalar e à Delegação de Coimbra.

Espanhol sem mestre

Por Gonçalves Pereira. Compra-se um exemplar desta obra. Quem tiver e queira vender, indique preço e a direcção para esta administração, às iniciais R. G.

Aspirações nacionalistas

Conhece-se tudo isto pela sua primeira carta aberta aos amigos russos, polacos e a todos os amigos eslavos (15 de Fevereiro de 1862), pelo seu folheto: *Narodnoe Delo. Romanof, Pugatchef illi Pestel?* (Londres, 1862) e por escritos menores, pela descrição de Herzen nos escritos póstumos e pelas próprias cartas de Bakunine em 1862, das quais apareceu um número de *Byloc* (Petersburg). Apenas, desta vez Bakunine não estava tão desacompanhado como em 1848; havia na Rússia sérios e importantes movimentos públicos (Tchernichewsky e a juventude) organizações secretas de magnitudinosa desconhecida e variável (*Zemlya i Volga*) e o grande movimento liberal (Herzen e Ogaref, os Zemstvos, de onde apareceram alguns irmãos de Bakunine em Toer, etc.) até ao movimento das sectas, desmesuradamente estimadas nas suas possibilidades revolucionárias e ao qual se dedicavam Ogaref e Kelsief.

Justo a esses movimentos que, todavia, necessitavam de anos para atingir o seu desenvolvimento, apareceu repentinamente o movimento polaco na forma mais aguda de insurreição e complicou tudo enormemente. Uma organização militar russa (*Potubuya*) e Bakunine estavam dispostos a colaborar com os polacos. Existiam, porém, as velhas scissões dos polacos, e Bakunine, por exemplo, teve os mais vigorosos encontros polémicos com Mieroslawski.

Basta dizer que essa situação, em 1862 e 1863, conteve inúmeras ocasiões para a actividade de Bakunine, que surgiram numas complicações e que, independentemente em absoluto da boa vontade de Bakunine, o efeito da sua actividade foi muito insignificante. Conspirou em toda a parte, negociou durante 1862 em Paris, dirigiu-se em 21 de Fevereiro de 1863 por Hamburgo e Copenhaga a Estocolmo, onde ficou até ao outono e onde o encontrou novamente sua mulher, que havia saído da Sibéria depois de alguns obstáculos.

Não teve maiormente que ver com a expedição polaca de Lapinski, mas alistara-se para acudir à Rússia no caso de assinalar-se em alguma parte o começo dum movimento revolucionário russo. Como tal não sucedia, fez o possível na Suécia para influenciar a opinião pública apontando a Finlândia. Os seus discursos e artigos nos grandes diários atraíram a atenção e foi muito festejado, mas não pôde, no entanto, realizar a organização belica que teria ajudado a Polónia.

Nunca perdeu a sua atitude ante a opinião pública; porém fez tais experiências com muitas pessoas dos movimentos polacos e com as organizações secretas russas, tão exclusivas, que no outono de 1863 retirou-se por completo dos movimentos eslavos nacionalistas reflectindo talvez profundamente sobre a sua situação. É também concludente que uma actividade ulterior em Londres, ao lado de Herzen e de Ogaref, se tornaria impossível para ele.

A França bonapartista havia-lhe sido interdita para larga residência; porém, um país lhe oferecia ainda probabilidades — não tinha ainda um partido de acção —, esse país era Itália e parte de se dirigiu em fins de 1863, de Londres e através de longas viagens pela Bélgica, França e Suíça. Desde então, começa novamente a pertencer ao movimento internacional. (Continúa)

TIVOLI
TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS
A CHAMA
Adaptação em três partes da peça de Charles Méré com Germaine Rouer
PESADELOS E SUPERSTIÇÕES
Cine comédia em seis partes com Douglas Fairbanks
Um documentário — Uma cine revista — (Jantamento de Bandeira na Escola de Guerra)

A extinção das Escolas Primárias Superiores

PORTALEGRE, 27. — Entre o professorado das Escolas Primárias Superiores desta cidade causou a mais justa revolta o decreto do reacçãoário Mendes dos Remedios. A campanha de A Batalha satisfaz plenamente à opinião pública e os professores têm repudiado com altivez o laube infamante que a reacção lhes atirou. Ao ministro da Instrução enviou o corpo docente das referidas Escolas o seguinte telegrama:

«Considerando que o decreto que extinguiu as escolas primárias superiores representa a anulação pura e simples do ensino popular; Considerando que tanto o relatório que precede a extinção como as anteriores declarações atribuídas a v. ex.ª ferem injustamente os professores, apodando-os de incompetentes e mercenários; O Conselho da Escola Primária Superior de Portalegre repele respeitosamente tais afirmações e protesta contra a extinção das escolas primárias superiores, algumas delas com grande população escolar, preconizando que apenas devam ser extintas as que tivessem pouca ou nenhuma frequência e remodeladas as restantes.» — E.

Universidade Livre de Coimbra

Com a conferência do dr. sr. Correia Monteiro, sobre «A Província de Angola», realizada na última quarta-feira, terminaram os trabalhos regulares do presente ano lectivo.

Durante o mês de Julho realizam-se ainda algumas conferências, que serão oportunamente anunciadas. Funcionário, também durante esse mês, as aulas de francês e português.

Brevemente o curso de História da Arte realizará um passeio de estudo ao convento de São Marcos, para o qual já se encontra aberta a inscrição. A este passeio poderão ir todas as pessoas que se interessarem pelo assunto.

Dominando o espaço
CONSTANTINOPOL, 28. — Os irmãos Arrachar voaram sobre esta cidade, no seu avião de 600 cavalos de força, 3.400 litros de essência e 280 de óleo, em direcção ao golfo Persico, tendo ainda por escala, sem aterrar, Angora e Bagdad, — L.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Concerto Artur Trindade

Casa cheia, alegria à farta. Onde Artur Trindade aparece não há tristeza possível. A maneira como o professor acolhe toda a gente, a linha com que todas as suas festas são realizadas não podem deixar de dispor bem os que a elas assistem.

Artur Trindade quando dá a sua festa artística tem a certeza que está entre amigos e admiradores e os que, porventura, não estão incluídos nestas duas categorias têm que enfileirar pelo menos no número dos segundos para ingressarem daí pouco entre os primeiros. É quasi uma verdade histórica. Foi melhor esta festa artística de agora do que as antecedentes?

Não o foi, por certo, pela simples razão de que o esmero nella posto iguala-se sempre, por não poder ser excedido.

Os seus melhores alunos exibiram as suas aptidões, mantiveram o prestígio do professor. O que mais se poderá desejar?

Artur Trindade, mestre *double* de amigo, vence todas as barreiras, conquista todas as deferências, tem um poder de captação admirável. Mas essa vitória, essa conquista, essa captação consegue-as merecendo, porque sabe impor-se, porque a par da vontade tem a competência, simultaneamente com o trabalho ostenta a competência. Falar dos seus discípulos, concretizar tendências e numerar vocações, para quê? Basta, pois, que se diga: Artur Trindade faz com honra profissionalismo, traz em si o germen do ensino espontâneo, natural e dócil.

Vence porque quer vencer, quer vencer, porque sabe vencer. Eis tudo. Ele e sua esposa, companheira da árdua tarefa de ensinar, senhora de verdadeira apresentação senhoril, ouviram palmas, viram junto de si desflorearem-se rosas e cravos. Poucas vezes as flores se terão sentido tão orgulhosas do seu vício e das suas cores.

Nogueira de BRITO

Arte musical grega

A Grécia, cuja civilização deu leis ao mundo, pela impressionante beleza das suas criações estéticas, a Grécia cuja arte dominadora, de curvas harmoniosas de monumentos da escultura e da arquitectura e de ritmos imperecíveis de poemas elevados pelo sentido e pela expressão literária, viveu, ontem, magnificamente, a dentro das paredes, já habituadas a estas manifestações artísticas, da casa acolhedora de D. Ema Romero dos Santos Fonseca. Ali mesmo no coração do Bairro Camões, evocação do nosso grande poeta heróico, fez-se viver um passado e um presente artístico em que interveio uma das maiores civilizações europeias.

Naquela ambiente moderno do lar hospitalar alçou-se muito alto o harmonismo helénico, traduzido cuidadosamente nalgumas das suas produções musicais de maior coturno, que a palavra jovem mas nervosa de Mateus Migueis exalçou por entre um silêncio admirativo duma assistência selecta, onde se viam alguns dos melhores nomes da nossa intelectualidade.

D. Ema Romero dos Santos Fonseca, desceatadora de belezas, evocadora delicadíssima de monumentos de beleza, revia-se na sua obra, com o sorriso aberto dos que triunfam, com a tranquilidade imaneente às almas que vibram, aos corações que batem com o isocronismo da arte pura. Um grupo escolhido de colaboradores, de mãos dadas com a promotora feliz deste recital helénico, deu brilho a esta festa de arte em que figuravam os nomes dos músicos gregos Petros J. Petridis, W. Kalamiris, Emile Kladis, Theodoros Spathe e G. Poniridis. É preciso que fiquem bem registados esses nomes: D. Berta Rosa Limpo de Araújo Sena, Conde de São Payo (D. António Pedro), Jaime Monteiro, D. Elisa Penchi Levy, Varella Cid, Júlio Silva e D. Mafalda Gomes.

A festa de música vocal grega deve ser inscrita como uma das melhores páginas da bibliografia musical e da realização lirica da nossa terra, onde as iniciativas a custo se mencionam, porque poucos são os que as tomam e muitos... os que as embargam.

N. B.

Festas artísticas

Está despertando enorme interesse a recita de amanhã, no Apolo, com a representação de «A Severa», o popularíssimo original de João Dantas, em festa artística do actor Abilio Alves. Além das várias atracções na interpretação confiada a artistas que entram, pela primeira vez, na peça, há a da estrela, na parte da protagonista, da gentil actriz Irene Gomes, que nessa sua nova criação vai dar-nos certamente, mais uma prova do seu elevado merito artistico. Para a recita de amanhã, no Apolo, os bilhetes que restam estão à venda no camaroteiro.

Noticias

O engracadiíssimo «vaudeville» «Três meninas... nuas», que está em ensaio no Gimnasio, onde irá à scena no próximo mês, tem como interpretes os seguintes artistas: Sofia Santos, Julieta Soares, Isilda de Vasconcelos, Maria Alvares, Cinira Cruz, Carlota Sande, Irene Benamor, Joana Moniz, Esmeralda, Carlos Santos, Joaquim Prata, Otelo de Carvalho, Ribeiro Lopes, Fernando Pereira, Fernando Rodrigues, André Lopes, Carlos Candeira, Joaquim Pacheco e Pestana de Amorim.

— Continua bastante doente o actor Rafael Marques. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

S. Luiz
Telef. C. 224

HOJE
A's 9 1/2 da noite

O ENCANTADOR
HOMEM DAS 5 HORAS
Completa o espectáculo a deliciosa «bluette»

PAPO SECO
Maria Corte Real e Guilherme Caupers dirão canções da deliciosa «bluette»

Papo Seco

Um policia impiedoso

Ontem, pelas 15,30 horas, occorreu na calçada do Combro, próximo da nossa redacção, um caso que revela bem os instintos de que são animados alguns daqueles elementos a quem, segundo o que se afirma, está entregue a segurança da vida a haveres dos cidadãos.

Um homem já idoso sobravaça afluente o corpo ensanguentado duma criança, ao que parece vítima dum desastre, e, dirigindo-se a dois policia, em serviço na calçada do Combro, impetrou-lhe que ordenassem a paragem dum automóvel que passava para condução rápida do pobredito ao hospital. Um dos civicos, altancieramente, respondeu-lhe que não era dono do carro para o utilizar e que continuasse ele se quizesse a conduzir o ferido.

E o pobre homem lá seguiu calçada acima, visivelmente cansado, seguido dum dos policia que nem sequer o auxiliou em tao humana quão difficil tarefa.

Bem desejariamos, como em outros — raros — casos, descrever o contrario. Pois lembarmo-nos nós de que por questões de menos monta do que a vida de um ser se mobilizam automóveis...

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Aidas» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pará e Manaus, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências ordinárias a 1 hora da tarde e para a registada recebem-se até às 11 horas da manhã.

Também por via Marsella se expedem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau efectuando-se a última tiragem às 11,30 horas.

OS QUE MORREM

Glória Marques Araújo

Vitima por uma congestão pulmonar faleceu ontem quasi repentinamente, Glória Marques Araújo, operária da industria dos tabacos e companheira do nosso camarada Salvador José, activo militante da Associação do Pessoal dos Tabacos (admitido depois de 15 de Maio de 1891).

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, da sua residência, rua do Vale de Santo António, 211, 2.ª, dir., para o cemitério oriental.

MARCO POSTAL

Sabola. — Gabriel Maria Alves. — Recebemos carta com 15000. Nada podemos entregar ao «Anarquista» como disse visto que a importância que enviou é precisamente o seu débito para com esta administração, no que está liquidado.

AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,15
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,5
Q.	2	9	16	23	FASES DA LUA
Q.	3	10	17	24	L. C. dia 27 às 11,49
S.	4	11	18	25	L. M. " 3 " 3,15
S.	5	12	19	26	L. N. " 11 " 22,55
					L. C. " 19 " 17,48

MARES DE HOJE

Fraimamar às 5,19 e às 5,44
Baixamar às 10,49 e às 11,14

CAMBIO

Países	Compra	Venda
--------	--------	-------

Sobre Londres, cheque	94\$75
Madrid, cheque	3\$16
Paris, cheque	5\$7
Suiza, cheque	3\$78
Bruxelas, cheque	5\$7
New-York, cheque	19\$55
Amsterdão, cheque	7\$85
Itália, cheque	5\$71
Brasil, cheque	2\$90
Praga, cheque	5\$8
Suécia, cheque	5\$25
Austria, cheque	2\$77
Berlim, cheque	4\$66

ESPECTACULOS

Teatros

São Luiz. — A's 21:15 — O Homem das 5 Horas, e —
Fado Seco.
Teatro. — A's 21:15 — A Tosca.
Teatro. — A's 21:15 — O Dr. da Mula Roca.
Teatro. — A's 21:15 — Variedades.
Cinema (L'Ulcione à Gracia) — Espectáculos às 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31.
Fim de semana e domingos com ematines.
Fim de semana — Todas as noites. Concertos: di-
versos.

CINEMAS

Teatro — Olympia — Central — Condes — Chiado Ter-
reço — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança —
Arlon — Cine Paris.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Nar-
cho — A's 8 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Nins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10
horas.
Peis e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às
5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff —
2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira —
12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 ho-
ras.
Doenças das senhas — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5
horas.
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cancro e radio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Kato X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.
Análises — D. Gabriela Beato — 1 hora.

PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO

DO CONDE BARÃO, 55

Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00

Pedra grande, duzia, \$80

MELINA

É O MELHOR

MATA FORMIGAS

A venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:

Fernandes Almeida & C.ª, Limit.ª

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.ª — Lisboa

Telefone C. 2422

Agentes no Funchal

ELMANS S. GOMES

R. do Coronel Cunha, n.º 53

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 33 desta revista

intitulado *La Alondra* de Angela Gra-
pera. — Preço, \$30. — Pedidos à adminis-
tração de A Batalha

"A BATALHA" no Funchal vende-se

No Bureau de La

Presse.

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de

todos os trabalhos que digam res-
peito à sua indústria, tais como:

edificações, reparações, limpe-
zas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos

os géneros, fogões de sala, xa-
drés, frentes para estabelecimentos

e todos os trabalhos em cantarias

e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2.ª

LIMAS NACIONAIS

Só a grande finta

de propaganda tem

dado lugar a 413

ainda hoje se con-
sumam em Portu-
gal limas estran-
geiras, visto que

na única marca

"Tour" da En-
presa de Limas

União Tona Feiteira, Ltd., rivalizam em preço

qualidade com as melhores limas da Alemanha

Experimentem, pois, as vossas limas que

encontram à venda em todos os pontos situados

cimentos de ferragem para

FATOS

completos e

sobretudo

em bom cheviote, com bons

forros e bom acabamento,

para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-

tudos, feitos e por medida

batime ntos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

"HERPETOL"

—) Dá um (—

Alivio instantaneo

SOPRE DE COMICIAO provocada pelo ECZEMA

outras DOENÇAS DE PELE A aplicação de umas

gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente

a comichão.

O "HERPETOL" CURA. A atestã-lo tem os in-
dícios, pedidos recebidos desde que foi lançado no

mercado este medicamento, que tem realizado CURAS

MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é

muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes

que se encontram nos tecidos, os quais são a causa

de todo o mal. E' de um maravilhoso, efeito para

limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-
DEDURAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDOS E

SECO E ECZEMAS DURA.

Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL", o

melhor remédio que até hoje apareceu.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos,

em Lisboa, Rua da Prata, 25, 2.ª.

A VENDA a 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profu-

samente ilustrado desde as primeiras

idades do homem até à revolução

Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10

tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Horário de trabalho

As disposições legais

A acção editorial de A Batalha acaba de edi-

tar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio

de 1919 e respectivo regulamento publicado no

Diário do Governo de 26 de Maio sobre o horá-

rio de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade

ter-se-há um abatimento de 50 por cento em pa-

cotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

História Universal del

Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se

encontra à venda na nossa administração, é o

relato histórico, documentadissimo e detalhado

das lutas originadas pela desigualdade social

que, sob formas diversas e variados sistemas,

perdura desde os primeiros alvares da civiliza-

ção.

Cada fasciculo de 48 páginas. 1630, pelo cor-

relo, registado, 1650.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.ª — La era de la esclavitud;

2.ª — La rebelión de Espartaco;

3.ª — Abolición de la esclavitud;

4.ª — Abyección y Servidumbre;

5.ª — La revolución de los siervos;

6.ª — La miseria de los agricultores;

7.ª — Transformación del Poder Feudal;

8.ª — El comunismo cristiano;

9.ª — Los miserables en la Edad Media;

10.ª — La libertad absolutismo;

11.ª — La agonía del absolutismo;

12.ª — El trabajo motor universal.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,

por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por

Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais

indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração

de A Batalha.

Depósito: "Livraria Renascença", rua

dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

OS AUTOMOVEIS CITROËN

Que pela sua linha elegante, robustez e economia, se
vêem hoje em todo o país, atravessando sem temor as
suas piores estradas, são agora apresentados ao público
em Lisboa no

SEU NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÕES:
AVENIDA DA LIBERDADE, N.ºS 44 a 48

Preços dos vários modelos 10 cavalos (68x100)

Torpedo comercial, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo Standard, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo série de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.000\$00
Torpedo especial de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.800\$00
Cabriolet, 3 lugares	Esc. 23.000\$00
Conduite intérieure, 4 lugares	Esc. 25.000\$00
Landulet, grande luxo, 6 lugares	Esc. 26.500\$00
Landulet, taximetro, completo, 6 lugares	Esc. 26.000\$00

Todas as "carrosseries" de aço, assen-
tos desmontáveis, "mise-en-marche"
eléctrica, e cinco rodas calçadas, com
pneus Michelin.

PEDIR CATALOGOS E MAIS DETALHES A:

EDUARDO ROSA, LIMITADA
LISBOA

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda

uma bela obra de

RICARDO MELLA,

"IDEARIO",

que consta dum volume

de 336 páginas dividido

nos seguintes capítulos:

Doctrina — Critica Social — Educação

Libertaria — Tactica — Evolução y

Revolución — Violencia — Libertad y

Autoridad — Ensayos Filosóficos — Li-

terario — Ideas Iconoclastas — Moral

Temas sociológicos — Pedagogia —

Vida Española — Hombres Represen-

tativos — Trabajos Polémicos — Lec-

turas — Fragmento inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à administração de

"A BATALHA"

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um

dos maiores oradores da Alemanha, mem-
bro da A. I. T. Folheto com 32 páginas,
com um esboço biográfico do autor. Preço

1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkicof. Preço 1\$50.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Li-

teraria Fluminense, Limit.ª — R. dos Ro-

treiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de A

Batalha.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao

presidente do ministério contra as depor-

tações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; regis-

trado, 1\$50. Pedidos à administração de A

Batalha.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos

oferecer uma colecção do semanário anar-

quista "Terra Livre" para ser vendida em

favor de A Batalha. Aquele camarada fixou

o preço de 1\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este

interessante semanário pode dirigir-se a

nosssa administração.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-malthusianas..... 5\$0

O sentido em que somos anarquistas..... 3\$0

A peste religiosa..... 4\$0

A Liberdade..... 5\$0

A Internacional (música e letra)..... 3\$0

Pedidos à A BATALHA

ou no Caís do Sodré, 82

FATOS

A 220\$00 feito por me-

da, em boas caseiri-

ras. Recebem-se fatos

a feito e forros por

120\$00. ALFAIATARIA

DIAS, 84, Rua de D. Pe-

dro V, 86.

29-6-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 744

até então todos reputariam impossível: isolar a Ro-
chela do mar, fechando-lhe o porto com uma muralha
gigantesca; construída fora do alcance da artilharia
dos cercados; além disso, do lado da terra, o cardeal
estabeleceu uma extensa linha de circunvalação, re-
forçada com torres e redutos, tão fortes como os mu-
ros de uma praça.

Assim, completamente bloqueados por terra e por
mar, os rochelenses viram-se, pouco a pouco, reduzi-
dos a uma horrível situação.

Em vão a esquadra inglesa tentou, por duas vezes,
demolir a tiro de peça o molhe que fechava o porto.
Os navios ingleses tiveram de afastar-se, abandonando
a Rochela à sua terrível sorte.

Guíton conservava uma coragem indomável. Mais
de doze mil pessoas tinham morrido de fome desde o
começo do cerco.

— Enquanto restar eu, ou qualquer outro para
guardar as chaves da cidade, dizia o valente adminis-
trador, é quanto basta!

Quando um vereador propôs que a cidade se ren-
desse, Guíton apunhalou-o, e opôs uma recusa formal
às propostas de capitulação. Glória a este herói!

Emfim, depois duma resistência heroica, que du-
rou perto dum ano... as ruas estavam juncadas de
cadáveres, a tal ponto que os sobreviventes, moribun-
dos eles próprios, não tinham já forças para enterrar
os mortos, o que produzia uma peste na cidade.

Só então Guíton julgou que se podia dar ouvidos
às propostas de Richelieu.

Os delegados protestantes foram levados ao campo
real nas carruagens do duque de Bassompierre, por-
que estavam tão exaustos de forças que nem já podiam
andar.

O cardeal, na presença dêles, a 23 de Outubro de
1628, escreveu com o seu próprio punho esta promessa:
«Será garantida a vida aos habitantes, o gôso dos
seus bens, o perdão do crime e o livre exercício da



EM COIMBRA

Uma brilhante conferência do dr. Costa Mota acerca da educação infantil

Na Associação dos Artistas de Coimbra efectuou-se uma conferência do dr. Costa Mota, sobre *Alguns vícios na educação da criança*. A conferência despertou vivo interesse na assistência, pelos salutaros princípios defendidos pelo conferente, no respeitante ao problema da educação infantil.

O conferente começa por fazer a apologia da Semana da Criança pelos benéficos efeitos morais e educativos que dali resultam para a criança, sendo necessário no entanto, que esses efeitos não se limitem apenas a uns poucos dias, mas sim a um ano inteiro.

São principalmente os pais e os professores, que têm de recolher desta cruzada benéfica o máximo de indicações e até de ensinamentos com que vão aperfeiçoar e corrigir os seus processos de educação que padecem ainda hoje de terríveis defeitos que é necessário combater.

Um dos meios mais vulgares de educação das crianças é a punição e um dos processos mais usados de punição é o castigo corporal — o bater nas crianças.

É frequente ver punir crianças, com a ideia de que só assim elas deixarão de repetir um acto considerado delituoso. Convm salientar desde já um facto absolutamente verdadeiro — as crianças que mais frequentemente são punidas, são precisamente aquelas que mais actos delituosos cometem.

Um pai mal humorado bate num filho porque este fez muito barulho a saltar e a cantar. E, contudo, esse mesmo pai não bate no filho sempre que ele salta e canta. Cometeu a criança acto delituoso? É evidente que não. Ela salta e canta porque necessita fazer-lhe um acto de desenvolvimento. Porque foi então punida? Exclusivamente porque incomodou o pai. Foi pois, uma «punição por egoísmo». A criança que está sempre a ser repreendida por não estar quieta, que ideia fica fazendo do significado dos movimentos que executa?

Esses movimentos que lhe são indispensáveis para o seu desenvolvimento passa a considerá-los como um acto que não deve praticar-se, já mais quando as repreensões são acompanhadas pelo inevitável sopro.

Qual é a criança que não tem no seu activo castigos por ter desarrumado cadeiras, para com elas e com a sua imaginação fazer um comboio, um automóvel, um carro eléctrico? E porque foram esses castigos? — Pelo grande delito de ter desarrumado a casa e feito barulho! Foi também o castigo por egoísmo. O que ganhou a criança com aquele castigo? O terem-lhe criado obstáculos à sua imaginação, com a qual ela animava aqueles objectos, imaginando que ela necessita se desenvolver na sua aprendizagem para adulto.

Desde muito cedo que a criança começa a sentir o egoísmo dos pais. Durante a primeira infância ela tenta mexer em tudo quanto vê, pela necessidade imperiosa de aprender a coordenar movimentos e de experimentar sensações novas, pois a criança sendo destinada a comunicar com o mundo exterior e sendo seus agentes intermediários os órgãos dos sentidos, são estes os primeiros a necessitar desenvolver-se e aperfeiçoar-se, o que só conseguem experimentando sensações novas, visuais, auditivas, tácteis, etc. Se lhe dão, durante a infância, objectos de cores variadas, todo um mundo de bonecos, guisos e apitos, a criança vai pondo-os de parte à medida que se familiariza com esses objectos.

Mas, para as sensações tácteis e para a coordenação de movimentos, ela necessita de mexer em tudo quanto vê. Quantos sopapos não lhe custa essa necessidade? E que a criança mexendo desarruma, altera a estética duma mesa que tem de ser arrumada de novo — é ainda o castigo por egoísmo.

Muitas vezes a criança chora, ou pela necessidade que tem de chorar, para o bom arrejamento dos seus pulmões, ou porque alguma coisa a incomoda e que ela não sabe acusar; pois os pais, fartos de a ouvir, aplicam-lhe como remédio a tradicional palmada para fazer passar o que eles chamam a *perice*. E muitas vezes uma cólica é tratada com aguilhões em vez de o ser com aplicações quentes! E em quantos casos é a mãe a responsável por essa cólica!

A razão mais frequentemente invocada para justificar as punições da criança, é o evitar que elas repitam a prática de actos considerados maus.

E com este critério bate-se numa criança porque não cumpriu uma ordem, porque tentou mexer no ferro de engomar, porque arrancou a cabeça do boneco, porque meteu os dedos na marmelada, etc.

Quer isto dizer que há que bater constantemente na criança, porque constantemente ela está praticando actos dessa natureza, que só não praticaria se fosse adulto, se já tivesse concluído a sua aprendizagem, donde se conclui que *bate-se na criança porque ela é criança*!

A frequência das punições faz com que a criança se habitue a elas e deixe de as ter em consideração, havendo ainda a notar que as punições não estão nunca de harmonia com a gravidade do delito, mas sim com o grau de irascibilidade e com o humor de ocasião, de quem as aplica, e, assim, a criança não tem nunca a verdadeira noção da gravidade do acto que praticou.

É deste sistema de educação que resulta a frase muito frequente nas crianças: «Não faço isso senão a minha mãe bate-me». A criança exprime bem com esta frase o sistema de educação que tem recebido. Não diz que não pratica esse acto por ele ser mau, mas porque dele resulta a única consequência que ela lhe conhece — a mãe bater-lhe.

A criança desde que saiba que a mãe não tem conhecimento do delito e que, portanto, lhe não pode bater, pratica-o sem hesitar e repeti-lo há sempre que se julga fora do alcance do castigo, que tem sido para ela a única consequência do acto praticado.

Que proveitos resultam para a criança deste sistema educativo?

O primeiro é de que certos actos se não podem executar... diante de quem lhes possa bater. O segundo é levá-la a mentir, negando que tenha cometido o delito para que lhe não batam.

Se a punição por egoísmo é um vício de educação, não é menos a punição frequente

A LIQUIDAÇÃO DO TIRANETE

A moral dos delatores de uma inexistente conjura contra Azevedo Coutinho

LOURENÇO MARQUES—*Maio*.—Começa a registar-se, em letra redonda e de um modo concreto, a bufaria que Vitor Hugo teve a seu sódo e a sua ordem, para espreitar e denunciar, por forma velha, caluniosa e infame, os ferroviários e as pessoas que de modo nenhum podiam aplaudir uma administração insensata, criminosa, e muito menos um despotismo sanguinário e torpe, como é o que impera nesta colónia desde 11 de Novembro de 1925.

Há poucos dias, a coberto da nota n.º 315/C com a data de 20 de Abril foi remetido para o Ministério das Colónias o primeiro relatório sobre prisões e expulsões.

O caso era simples:—Com os primeiros deportados para a Metrópole, fora obrigado a seguir com guia para o Ministério, o inspector sr. Solipa Norte, invocando-se que o seu lugar tinha sido extinto. Este, parece que em Lisboa se apresentou ao respectivo ministro e lhe falou alto, reclamando contra a arbitrariedade.

O ministro, entre cínico e atarantado, parece que ouviu, sobre o assunto, o consultor jurídico do ministério, tendo sido este de parecer que *o alto comensal Azevedo Coutinho* rascara a lei e perseguiu aquele funcionário sem base legal.

O ministro, entalado com este parecer, em telegrama n.º 167 de 28 de Janeiro, pediu a Vitor Hugo que fundamentasse o seu acto infame contra o inspector sr. Solipa Norte; e de tudo isto saiu um relatório engendrado pelo agente Canelha.

Ora é nesse relatório, onde se pretende encontrar a preparação dum movimento sedicioso chefiado por aquele funcionário com o fim de apagar o incompetente Azevedo Coutinho, vulgar «O Nero de Moçambique», — que aparece, a descoberto, pela primeira vez, o bando de delatores, bufos ruins e desprezíveis, que Severino, a fera com figura humana, e o comissariado de polícia tinham ao seu serviço por recomendação de Vitor Hugo.

Quem são eles, os bufos? Primeiro bufo, — o que fez a denúncia: Bartolomeu Sá Couto, um desprezível pedreiro com aspirações a mestre de obras, indivíduo analfabeto, alma canerosa, jogete nas mãos dum irmão (o José Domingues) e de um louco (António Marradas).

Depois vieram os outros, a bufaria abjecta da tragédia imensa que se desenrolou em Lourenço Marques.

António Marradas, o triste herói a quem Solipa Norte, com duas bofetadas, em 1924, tinha atirado duas vezes ao chão; o capacho a quem, 2 dias depois, o professor A. Cunha tinha partido os olhos e atirado pela escada a baixo do Correlô; o cretino a quem o jornalista Roque Ferreira, na estrada de Marracene, também dois ou três dias depois, tinha vergastado com um sabre.

Belchior, correcional da mais infima espécie, mentor duma associação de malfeitores que está para entrar na cadeia por quebra fraudulenta e condenado a 3 meses de cadeia em 1.ª e 2.ª instância e no Supremo Tribunal, por caluniador e difamador.

José Domingues Couto, antigo alvarista, antigo camachista, antigo democrático e hoje «esquerdista», exonerado do lugar de professor, por abandono do lugar após a traulitania, expulso do lugar de professor, na escola agrícola de Paia, por, segundo confissão impressa dum amigalhoete (J. Cardoso) confissão apenas a célebre relatório, pretender ter amores com alunas, bilre que na Escola Paiva Manso já foi encontrado a cometer desonestidades com uma professora.

Vasco Dantas, um alcoólico sem moral e sem carácter, emborrachando-se dentro da própria escola, fazendo da sua mesa de professor balcão de taberna.

para evitar que a criança repita determinado acto.

Uma outra categoria de punições são as que se aplicam por actos que a criança comete por culpa dos próprios pais.

É frequente os pais praticarem diante dos filhos actos que estes não devem reproduzir. Num dado momento a criança repete aquele acto e o pai bate-lhe, acompanhando muitas das vezes o castigo com a frase menos educativa que há: «Os meninos não podem fazer isso; só as pessoas crescidas o podem fazer».

O pronunciar palavras que as crianças não devem repetir, o ter conversas diante delas sobre assuntos que não devem conhecer, as questões entre os pais, são coisas que nunca devem fazer-se diante de crianças. Estas, por muito distraídas que pareçam, prestam atenção ao que diante delas se diz e compreendem as meias palavras com extrema facilidade. A criança aprende melhor o que vê fazer do que aquilo que lhe ensinam. Se vê fazer mal aprende o mal e pratica o mal.

Não obstante, quantas questões entre os pais de que as crianças são testemunhas! Quantas conversas sobre assuntos escabrosos a que elas assistem e de que os pais se não cobrem «porque os meninos não entendem»!

O conferente expõe largos exemplos das péssimas consequências da punição nas crianças, que só em casos muito excepcionais se deve empregar, e mesmo assim com critério. Os defeitos de educação dos pais é que são a consequência da má educação dos filhos. O papel de educador é mais difícil do que se imagina. E quem desempenha o principal papel na educação das crianças são precisamente os que menos preparados estão para exercer essa missão — os pais.

Deve-se, pois, começar por educar o adulto, aqueles que têm de exercer a função de pais, expurgando-lhe os defeitos e erros de orientação, para que essa benéfica acção se vá reflectir no futuro dos filhos.

A conferência que, como acima dizemos, despertou um extraordinário interesse, vai ser editada em folheto pela comissão da Semana da Criança, para que os salutaros princípios nela defendidos sejam mais largamente espalhados.

Em nossa opinião, a comissão editora devia reservar parte da tiragem para distribuição gratuita pelas classes operárias, que são, afinal, as que mais necessidade têm de

José L. Almeida, «Manivela», ex-carroceiro do Almoxarife, ex-condutor dos eléctricos, ex-sócio dum ladrão de arroz da Fazenda Nacional, analfabeto sem vergonha e sem dignidade e por isso mesmo zelador da Câmara Municipal.

Abel Cabanelas, aprendiz de sacrista, tarrado sem misturas, comerciante falido, posto num concursos para aspirante de Finanças num dos últimos lugares, a pesar do seu triste papel de bufo do governo, tão manifesta é a sua «burridade».

José Cardoso, professor que difamou a própria mulher motivo por que esta se divorciou dele; indivíduo condenado no tribunal, por 3 vezes, por caluniador e difamador, com pena por 2 vezes cumprida na cadeia; professor punido em dois processos disciplinares, com 140 dias de suspensão e transferência, sendo a pena de 90 dias de suspensão aplicada pelo general Massano de Amorim; funcionário que o governo de Inhambane declarou «indesejável» naquele distrito e até em toda a província, pedindo a sua demissão ou transferência.

Eis os delatores das reuniões sediciosas. Dizem que presenciaram alguma coisa, que ouviram quaisquer palavras de revolta ou conchavo?

Nada disso. Afirmam, duma forma categórica, que viram iluminado o rez do chão duma casa, pelas 2 horas da madrugada (casa que sempre ficava iluminada por ser edifício do Estado com «avença de luz», pagando o mesmo estando apagada ou acesa, e que ficava às claras para arredar os facinorosos de fora, os saltadores infames da honra e das pessoas).

Bartolomeu Couto denunciou. Não viu ninguém, não ouviu nem uma palavra, mas porque a casa estava iluminada e a casa era do inspector sr. Solipa Norte, admitiu logo a hipótese que devia lá estar dentro, a conspirar, os srs. dr. Moreira da Fonseca, Horácio Pires, J. A. de Carvalho, Fernandes Gil, António Maria Pacheco, José Lameirão, Augusto Mota e vários polícias e guardas fiscais; e os outros, que nada viram, inimigos pessoais (toda a gente, em Lourenço Marques conhece essa inimidade profunda) do inspector sr. Solipa Norte, foram confirmar a delação, afirmando que se havia luz, também havia gente; que foram espreitar por um quintal e lhes pareceu ouvir sussurro de vozes que não perceberam; que não viram entrar nem sair ninguém... mas que aquilo «era pela certa reunião contra o sr. Alto Comissário».

E, sobre isto, os inimigos pessoais deputaram duas vezes, uma delas para vomitar, a solicitação do «agente Canelha», as mais torpes infâmias sobre o seu inimigo, alcançando-o de «indesejável» porque escrevia em quasi todos os jornais... e lhes perturbava o sono, as digestões, pondo a nã as infâmias, os negócios escuros, a voracidade da criminosa administração de Vitor Hugo, o depaotilha.

Nunca se viu maiores bandalhos. Não há tribunal onde se não pergunte: — É inimigo do rei? Se é declaradamente inimigo, não pode. Pois a escória que atrás fica amarrada toda constituída de inimigos fideais e como tal reconhecidos, não trepidou: depoz e caluniou, desceu o último degrau da infâmia e da desvergonha; e houve um governo, chefiado pelo «Nero de Moçambique» e acolitado pela fera do Severino, pelo traidor Adelino Lima, pelo bigamo Sujo de Lacerda, pelo guebedes das Finanças, pelo pímpe de Sete Cadeias, que se atolou em lama até às orelhas, a architectar a monstruosidade que para o ministério seguiu a coberto da nota 315/C, peça suja e indecorosa, a que não falta sequer a transcrição duma «Defesa» publicada em tempos por José Cardoso.

E era esta escória que rodeava Azevedo Coutinho! — C.

conhecer o importante problema da educação infantil.

Apresentamos este alvitre à comissão da Semana da Criança, certos de que seremos atendidos, pois nela vemos alguns nomes que à causa da educação e dos trabalhadores se têm dedicado os seus melhores esforços.

Tem sido desagradavelmente comentado, entre os professores, o facto de a imprensa local não ter feito no seu noticiário a mais leve referência à forma como decorreram as festas da Semana da Criança. — C.

INSTRUÇÃO

Foi aberto concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 8.º grupo do liceu de Vila Real.

Secção Telegráfica Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES
Liga das Artes Gráficas de Évora—
Respondam ao nosso officio.

conhecer o importante problema da educação infantil.

Apresentamos este alvitre à comissão da Semana da Criança, certos de que seremos atendidos, pois nela vemos alguns nomes que à causa da educação e dos trabalhadores se têm dedicado os seus melhores esforços.

Tem sido desagradavelmente comentado, entre os professores, o facto de a imprensa local não ter feito no seu noticiário a mais leve referência à forma como decorreram as festas da Semana da Criança. — C.

INSTRUÇÃO

Foi aberto concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 8.º grupo do liceu de Vila Real.

Secção Telegráfica Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES
Liga das Artes Gráficas de Évora—
Respondam ao nosso officio.

conhecer o importante problema da educação infantil.

Apresentamos este alvitre à comissão da Semana da Criança, certos de que seremos atendidos, pois nela vemos alguns nomes que à causa da educação e dos trabalhadores se têm dedicado os seus melhores esforços.

A INOCENCIA DOS CATOLICOS

A história cómica e escandalosa dum milagre da confissão

COIMBRA, 27.—Decididamente, os padres cá do burgo não andam em maré de sorte. Espíritos malfazejos, gente malféfica, inimiga da santa igreja espalham constantemente certas insidias tendentes a afirmar que há muitos desses santos varões que rendem um culto fervoroso a Venus...

Assim, ainda não há muitos meses que nos fizemos eco, nestas colunas, dum certo escândalo que corria de boca em boca com fortes visos de verdade. Foi aquele caso dum padre muito conhecido ser surpreendido em delicioso convívio com uma leiteira, viuva ainda nova, dentro da igreja de S. Salvador.

O que é facto é que o caso nunca sofreu desmentido.

Em seguida, há poucas semanas, rebenta forte escândalo na freguesia de Santa Clara pelo motivo do pároco da freguesia, José Maria Ribau, fazer uma vida escandalosa com diversas freguesas, algumas delas casadas. Este padre foi também acusado de ter seduzido uma menor de 15 anos, deixando-a no seu estado interessante.

Esta menor era criada em casa dum titular, casa que o padre frequentava, bastante. Abusou, por conseguinte, da hospitalidade que lhe dispensavam.

Este digno vigário de Cristo já veio doutra localidade corrido pelo povo que se fartou de lhe tolerar os *preceitos morais* do seu procedimento.

Claro que este cavalheiro não podia ser crente das simpatias dos habitantes da freguesia que pastoreava. E assim foi pedindo transferência, prudentemente, pois o povo estava na disposição de agir energicamente, depois dum escândalo passado na igreja de Santa Clara entre as donas preferidas pelo sadismo do padre, pois foi após este escândalo que alguns conspícuos católicos tiveram a revelação da infidelidade das suas caras metades...

Eis que surge agora novo escândalo, o qual traz bastante apreensivos os católicos que têm um trabalho enorme para justificar os actos dos senhores priores.

Relatamos: No dia 19 do corrente faleceu no Hospital da Universidade o sr. José Bernardes Coimbra. A família deliberou que o cadáver fosse transportado para a Sé Catedral, para lá sair o funeral no dia seguinte.

Pelas 22 horas procedeu-se à condução do cadáver para a igreja, encontrando-se esta imersa em profunda escuridão.

Naturalmente, quem conduzia o féretro falou em se acender luz para se dirigirem ao local destinado. Surge de repente a voz irritada do reitor da Sé, proibindo expressamente que se acendesse ali luz.

Surpreendidos os circunstantes com a intromissão do padre — pois se julgavam sós — redarguíram que necessitavam de luz para verem onde se acondicionavam a urna. E imediatamente um dos presentes acendeu uma luz, reparando então, atônitos, que uma mulher se sumia prudentemente pela porta da igreja.

Em face daquela scena o padre, visivelmente ataralhado, desculpa-se, dizendo que estava a confessar uma senhora e era esse o motivo porque não queria a luz acesa!

Das pessoas presentes houve logo quem extranhasse fazerem-se confissões a mulheres às 22 horas e numa igreja mergulhada em trevas...

Oleitor fará os comentários que lheaprouver, a não ser que resolva esperar a explicação das *Novidades*...

CONFERÊNCIAS

“Mahamata Gandhi”
Amanhã, pelas 21 e meia horas, efectua-se, na Universidade Livre, à praça de Fátima, a conferência do engenheiro sr. Fernando da Costa, que versará em volta da personalidade de Mahamata Gandhi.

Horas fatais

Recebeu curativo no banco do Hospital de São José, recolhendo a sua casa por seus pais se terem recusado a que ficasse hospitalizado, o menor de 6 anos, José Domingos das Dors Alberto, rua Fernandes Tomás, 10, 1.ª, que foi queimado no rosto com a explosão de bomba de artifício, ficando cego do olho direito.

Atropelamento

Deu entrada na enfermaria n.º 6 do hospital Estefânia Vitória Maria Ferreira Pinto Basto, de 40 anos, natural de Inglaterra, rua 1.ª de Maio, 79, 1.ª, Dt.º, que foi atropelada por um automóvel no largo do Calvário, ficando com fractura na perna esquerda.

Assinar “Os Mistérios do Povo”

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

Uma comemoração

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

Uma comemoração

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

Uma comemoração

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

Uma comemoração

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

Um manifesto dos deportados sociais ao povo trabalhador

Assinado pelos «Deportados Sociais na Guiné» foi há dias distribuído o seguinte manifesto:

Após um ano de despótica deportação é ao povo que prolongamos o nosso grito de revolta contra o prolongamento do crime hediondo que constitui o desterro a que fomos condenados, pela horda fascista que de há tempos vem assolando o país, sem a mais pálida obediência às leis que nós desprezamos, mas que eles se jactam de venerar, e com um desprezo absoluto pela vida humana. Há um ano que salimos a barra de Lisboa com destino a estas terras mortíferas onde já pereceram cinco camaradas nossos em holocausto às castas parasitárias, e mais vidas serão ceifadas se como parece se eternizar a iniqua situação que nos foi criada. Nossas famílias de quem eramos o empório são vítimas também do ódio rancoroso de reaccionários confessos, pois que há dōse meses vêm sofrendo uma vida repleta de vicissitudes, cuja origem reside no afastamento dos que lhes são queridos. Foi após o jugamento do movimento reaccionário que eclodiu em 18 de Abril, ao qual demos combate por representar uma ameaça às paupérrimas liberdades existentes até então; que as nossas casas foram invadidas de madrugada ainda, pelas feras policiais que imperativamente rugiam a ordem de prisão. Longos dias de incomunicabilidade se sucederam, até que na fatídica madrugada de 29 de Maio, foi levada à prática o nefando crime que veio aumentar o corolário de infâmias de que é revestida a república de crápula, que se assemelha à Espanha de Riveira.

A imprensa venal, a sôdo da camarilha fascista governamental, lançou sobre nós insidiosas e torpes acusações apontando-nos como autores de actos que a nossa consciência de idealistas repugna, com o objectivo de criar ambiente propício à realização de tão ignóbil fim. Foi assim que viram coroados de êxito os seus torvos desígnios, e hoje nos encontramos sofrendo a iniquidade de uma deportação abjecta, que é negação absoluta da propaganda feita pelos caudilhos republicanos no tempo do Franquismo e de Sidónio Pais.

Todavia através de todas as perseguições e processos inquisitoriais de que a sociedade burguesa nos faz alvo, hoje como ontem afirmamos altivamente os nossos anseios de emancipação humana, continuaremos na peleja pela queda da sociedade opressora e advento de outra em que a liberdade dum homem não dependa do jugo tirânico de outro.

Por pudarmos pelo fraco contra o forte, dignamos uma sociedade de bem, propagando ideais altruístas:

Fomos deportados há um ano e não sofrerá alteração este estado arbitrário, enquanto tu Povo não desperdices do marasmo em que tens jazido.

Ergue-te se ainda tens força!
Que a paz e a liberdade sejam os laços de união entre os homens.
Eis em síntese o nosso ideal.

INTERESSES DE CLASSE

“E' necessário que os chocolateiros se organizem sindicalmente

Os operários chocolateiros constituem uma classe duramente tratada pelo patronato. A sua situação económica e social é das mais desmoralizadoras, do que se desprende sem esforço de didáctica que os chocolateiros devem ter o maior interesse em se reunirem num sindicato de classe, a fim de como um só homem saberem impor ao patronato o indiscutível respeito pelos direitos legítimos.

Um sindicato dá a uma classe a força invencível para a conquista incessante e progressiva das reivindicações económicas, morais e sociais, elevando a personalidade dos operários ao nível da independência e do desafio, e, depois, até à sua total emancipação da tutela capitalista e industrial.

Além disso, um sindicato proporciona à classe que o constitui a mais eficaz defesa contra falsos amigos, como aqueles que os operários chocolateiros conhecem já, por dolorosa experiência, os quais traíram a associação da classe para lhes darem, em troca, uma choruda situação.

Isoladamente, um sindicato poderá ganhar para a sua classe elevadas regalias e direitos, mas não poderá assegurar a sua defesa e impor o seu reconhecimento, se não se apoiar na solidariedade de toda a massa operária.

E' por isso que resalta, logo que se forma um sindicato, a vantagem de se ligar a toda a organização da sua indústria — a federação — e, por intermédio desta à organização nacional de todas as classes trabalhadoras — a C. G. T.

Não menos necessário é, para as conquistas do bem estar, que os operários se interessem por todas as questões locais — água, luz, habitação, higiene e sanidade, por exemplo. Por isso, é que o sindicato se deve reunir à sua organização local — a Câmara Sindical do Trabalho — a fim de, numa acção combinada com as outras classes, poder conseguir o triunfo de bem estar para os operários.

Estas considerações veem a propósito das tentativas que a classe dos operários chocolateiros estão fazendo para impulsionar o seu movimento associativo. Só com uma organização sindical bastante sólida, os operários chocolateiros, que actualmente disfrutam uma situação económica e social bem deprimente, poderão conquistar largos êxitos nas suas legítimas reivindicações.

Aqui fica o apelo de um operário chocolateiro a todos os seus camaradas da indústria: que se atendam as razões expostas conforme a justiça e o sentido prático que nelas se considerarem. Fortalecendo-se a si próprios como classe, e juntando-se a todas as outras classes, os operários chocolateiros poderão obter com relativa facilidade o triunfo indestrutível de todos os seus direitos. — I.

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)

PARIS, 28.—Com a presença dos srs. Leygues, ministro da marinha, e do embaixador dos Estados Unidos, foi inaugurado o monumento comemorativo do desembarque do corpo expedicionário americano em 1917. (L.)